

Redes Sociais, Informações e Disputas Simbólicas no Ciberespaço

Por Raquel Recuero e Gabriela Zago

Relato crítico do artigo: “*Se vc gosta de Madonna também vai gostar de Britney! Ou não? Gêneros, gostos e disputa simbólica nos Sistemas de Recomendação Musical*”
Autora: Simone Pereira de Sá

A questão do advento dos sistemas de recomendação como formas de ampliar o alcance das informações tem ocupado boa parte da literatura recente, principalmente no que diz respeito aos trabalhos na área das Ciências Exatas já há algum tempo. No entanto, foi apenas nos últimos anos que tais focos começaram a ser discutidos também nas Ciências Sociais, a partir do momento em que se verificou que tais sistemas estão também **baseados em redes sociais concretas**, onde atores sociais trocam mensagens e informações, onde novas práticas sociais de cooperação e competição vão emergir e onde, inclusive, novas formas de subversão vão acontecer.

Deste modo, é com muito prazer que iniciamos a discussão do artigo de Simone, que vem, justamente, a desbravar a discussão desses sistemas de recomendação musical, a partir da plataforma do Last.fm e de sua “lógica de classificação” dentro da disputa simbólica da construção dos gêneros musicais. O trabalho de Simone, já há algum tempo focado nas práticas sociais resultantes do impacto das tecnologias na música nos é muito caro, e portanto, é com imensa alegria que fazemos algumas considerações para que este debate tenha início. Simone aborda um tema interessantíssimo que propomos, através deste relato, aprofundar sua discussão, no sentido de lançar uma leitura sobre questões que o artigo apenas tangencia.

O artigo de Simone introduz com propriedade os elementos técnicos dos sistemas de classificação e recomendação. Essa introdução é necessária para que o leitor compreenda os protocolos através dos quais as recomendações, que vão impactar as práticas sociais, são construídas. No entanto, essa discussão nos pareceu um tanto extensa, focando muito a discussão tecnicista que é comum nos artigos das áreas de Exatas (talvez, até mesmo, pela limitação bastante pequena do número de caracteres do artigo). A **discussão subjacente**, mais voltada para a apropriação social e o reflexo desses sistemas nas redes, é aquela que nos parece

mais relevante para o debate, assim, é nessa que focaremos e para a qual procuraremos contribuir.

A autora demarca seu objeto a partir da perspectiva do reconhecimento do uso de tais sistemas por parte de **mediadores sociais**. Assim, o trabalho de Simone parte de uma perspectiva bastante interessante, onde *“contrariamente a toda uma tradição de estudos da cibercultura que afirma que a Internet aboliu os processos de mediação, instaurando uma relação direta entre produtores e consumidores, meu argumento é o de que uma rede, altamente sofisticada e repleta de novos mediadores faz-se necessária para navegarmos por este universo”*. Esse foco, no entanto, acaba por ficar em um segundo plano na discussão a respeito dos sistemas de recomendação e seus aspectos técnicos. Mas questões fundamentais permanecem.

Simone explicita o papel dos mediadores como classificadores, onde valores são construídos. Assim, de um lado, está a **lógica massiva dos gêneros musicais estanques**, “classificados” por agentes automatizados, que parece permear a estrutura dos sistemas de classificação; e de outro, a **lógica da apropriação dos mediadores**, que acrescentam novos sentidos nessas propostas. Lembrando o trabalho de Baym (2007), por exemplo, *“music fans have been connecting online from the Internet’s beginning and continue to push boundaries today”*. Assim, como essas duas lógicas, **opostas em suas práticas**, convivem em um mesmo sistema de recomendação? Como são negociadas pelos sistemas as **práticas de subversão**, tão características dos grupos sociais?

De outro lado, a questão dos mediadores e da construção dos gêneros parece ser diretamente relacionada com a **cultura “fandom”** (Jenkins, 2006; Baym, 2007), caracterizada também pela construção de códigos específicos, particulares, de sentidos identitários construídos em diferentes *ethos* de diferentes grupos relacionados aos mesmos “gêneros”. Parece-nos, assim, que há disputas também dentro dos próprios “gêneros” e dos próprios agrupamentos, pela identidade mais “real” para com a música. Como discutir as “disputas” dentro dessas culturas, muitas dentro do mesmo “gênero”, a partir dos sistemas de recomendação? Que tipo de reflexo essas disputas acarretam nesses sistemas?

Outra questão que poderia merecer um maior esclarecimento na discussão é como exatamente se dá o **processo de disputa simbólica de gênero** no Last.fm.

Talvez, imagino, essa seja uma questão colocada para um artigo subsequente, que contemple maiores detalhes da efetiva pesquisa empírica que parece perpassar a discussão colocada. Nesse debate, como são construídas as categorias de gênero no Last.fm para a autora? Como a mediação simbólica atua na construção dessas categorias?

Parece-nos ainda, que essa perspectiva da influência dos agentes humanos perpassa por discussões realizadas por outros autores que poderiam ser acrescentadas ao debate. A utilização dos sistemas técnicos, por exemplo, é um “fazer social”, uma apropriação que aponta para a criação e a popularização de novos protocolos nas redes sociais. Esses **protocolos constituem novas estruturas de poder**, de acordo com Galloway (2004). Apesar da descentralização intrínseca da estrutura da Internet, como afirma o autor, o que se tem é o surgimento de novos protocolos de controle. Simone aponta para alguns desses elementos no decorrer do trabalho: as normas constituídas pelos grupos apreciadores de determinados “gêneros”, por exemplo, são **formas de controle**. A **exigência da coerência dentro de um mesmo gênero também**. O protocolo é, em si, um poder disciplinador, talvez não sobre o corpo, como no sentido Foucaultiano, mas sobre as ações simbólicas no ciberespaço (Galloway & Thacker, 2007). Perspectiva essa que, na atual esfera digital, encaixa-se na visão Deleuziana de sociedade do controle. No entanto, essas perspectivas de discussão das relações de poder constituídas através das ações sociais nesses sistemas, notadamente a busca pela reputação, pela popularidade e por outros valores socialmente constituídos é pouco abordada no trabalho. Do mesmo modo, o surgimento de redes distribuídas (Baran, 1964), discurso falacioso quando focado na Internet, onde o que empiricamente temos notado é justamente o aparecimento de novos centros de controle, de novos mediadores e de atores sociais que passam a gerenciar os fluxos de informação para redes menores é apenas superficialmente focado.

Nesse sentido, parece-nos relevante que tais elementos sejam discutidos neste espaço. Como esses novos “protocolos” socialmente constituídos nessas ferramentas por determinados atores influenciam (ou talvez, determinam) os processos sociais de recomendação de música? Como se dá a fuga desses protocolos? Na experiência empírica, por exemplo, verificamos que muitos atores optam por desligar o scrobble do Last.fm quando escutam determinadas músicas

que não desejam que sejam publicamente observadas. Do mesmo modo, outros cuidadosamente parecem escolher as músicas que desejam que sejam aparentes no seu sistema como forma de constituir um simulacro do “dever ser” construído pelo grupo. Esses elementos, parecem tangentes ao trabalho de Simone, assim, talvez merecedores de uma maior exploração em um trabalho futuro.

Além disso, como se constituem **as relações de poder e subversão da ordem** nesses sistemas e no Last.fm de forma específica? Se há mediadores e relações pré-estabelecidas pelo sistema, certamente estão ali também os comportamentos desviantes, aqueles que subvertem as relações pré-estabelecidas em busca de outras formas de libertação dos protocolos existentes. Como o capital simbólico é negociado nessas instâncias de apropriação e subversão do sistema de recomendação?

Finalmente, salientamos que tais elementos de discussão são aqui colocados como forma de tensionar o texto, procurando espaços onde o diálogo das várias leituras possa ser construído. Foi um imenso prazer relatar o trabalho de Simone e esperamos que a partir deste debate, muitas outras questões possam ser construídas.

Referências:

BAYM, Nancy. *The new shape of online community: The example of Swedish independent music fandom*. In: First Monday, Volume 12, Number 8 – 6, Agosto de 2007. Disponível em: <<http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/1978/1853>>. Acesso em 22/04/2009.

BARAN, Paul. *On distributed communications: I. Introduction to distributed communications networks*. In Memorandum RM-3420-PR, August 1964. Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964. Disponível em: <http://www.google.com/url?sa=t&source=web&ct=res&cd=2&url=http%3A%2F%2Fwww.rand.org%2Fpubs%2Fresearch_memoranda%2F2006%2FRM3420.pdf&ei=jHnwSdTuAZ-stgeu_qSjDw&usg=AFQjCNEzjaz6aafd4JdeGM8XXOt7DXthzg>. Acesso em 22/04/2009.

GALLOWAY, Alexander. **Protocol: How control exists after decentralization**. Boston: MS: The MIT Press, 2004.

GALLOWAY, Alexander e THACKER, Eugene. **The Exploit. A Theory of Networks**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

JENKINS, Henry. **Convergence culture: Where new and old media collide**. New York: New York University Press, 2006.